

FALEIROS, A.; ZAVAGLIA, A.; MOUZAT, A. (Org.). **A tradução de obras francesas no Brasil**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2011.



Dennys da Silva Reis
(Mestrando em Estudos de Tradução, POSTRAD/UnB)
reisdennys@gmail.com

O livro organizado por Álvaro Faleiros, Adriana Zavaglia e Alain Mouzat, fruto do II Encontro de Tradutores de Obras Francesas, é dividido em três grandes eixos. O primeiro eixo aborda a tradução no âmbito sociocultural entre as línguas/culturas; o segundo, a tradução do fazer poético e a poética da tradução; e o terceiro aborda as ideias de Lacan, Dolto e Derrida ligadas à tradução.

253

O primeiro artigo que abre o eixo *Tradução, cultura, história, sociedade* – “As traduções e seu funcionamento nas culturas” – é de autoria de M-H. C. Torres. A autora traça algumas das primeiras características da função da tradução no Brasil – a consolidação e o enriquecimento da literatura nacional –, além de fazer considerações a respeito de literatura traduzida, seja no Brasil seja em outro país. Segundo Torres, “as traduções preenchem determinadas funções na e entre as literaturas, a análise de suas funções ou de suas traduções deve conduzir ao coração das literaturas e de seu funcionamento” (p. 25-26).

Já em “Tradução, trocas literárias e estratégias editoriais: a importação do romance francês contemporâneo no Brasil”, M. P. Dantas mostra, de forma clara e didática, as diferenças entre literatura “literária” e literatura de consumo no mercado editorial francês. A partir de um quadro de análise de 1981 a 2004, Dantas apresenta os tipos de tradução do par de línguas francês/português feitas no Brasil e o gênero de literatura francesa que mais se propagou durante o período estudado. E se questiona: “Não estariam as traduções refletindo uma situação de mudança do campo literário francês, situação que oscila entre *Pléiade*, mídia e tradição?” (p. 40).

A. C. R. Ribeiro traz, em “O tema da tradução na Terra Austral conhecida, de Gabriel de Foigny”, a pseudotradução como tópico principal de seu texto. Analisando o texto de Gabriel de

Foigny, Ribeiro afirma sua postura prático-teórica como tradutora-editora do texto *Terra Austral conhecida*. Além disso, analisa a questão da linguagem austral e sua semelhança com o *Crátilo* de Platão, um dos pontos principais da obra categorizada no gênero literário utopia.

Partindo de sua experiência pessoal como tradutor, E. A. Carvalho trata da traduzibilidade e da complexidade do e no ato de traduzir em “O reencantamento da tradução: Michel Serres, Edgar Morin, Michel Cassé”. Segundo o autor, “a traduzibilidade é sempre algo ambíguo, põe em cena autor, tradutor e dois contextos linguísticos” (p. 53); “a complexidade requer a recriação de um estilo linguístico, no qual os conceitos e teorias sejam traduzidos de forma não linear” (p. 55). Afirma ainda que “o milagre de uma tradução é o do reencantamento propiciado pelas relações interculturais” (p. 55)

J. P. Ferreira, em “Relatos de uma aprendiz do traduzir e do viver”, retrata um pouco da sua trajetória como tradutora de Zumthor e Meschonnic. Nele, Ferreira conta como se tornou tradutora, os maiores desafios que enfrentou até a publicação do presente texto; reafirma sua postura teórica, consoante com a de Boris Schnaiderman e Haroldo de Campos. Relata também algumas de suas veredas como tradutora de poesia e a concepção teórica que tem dessa arte.

Em “A tarefa do tradutor: entre textos e entre línguas”, M. J. Moraes faz uma releitura de textos de Walter Benjamin relacionando o conceito de obra e crítica de arte à prática tradutória. Faz uma reflexão dualista entre as propostas teóricas de Benjamin e Berman ancorado em sua prática como tradutor de textos literários. Segundo Moraes, “é contra essa pureza (...) da língua própria que o princípio poético e sua tradutibilidade se insurgem”. Ela – a língua pura – “(...) é o contrário dessa pureza, ela remete ao seu devir-impuro, ao devir justamente pura língua, em ‘essência dialetal’. (...) Esse é um dos caminhos interessantes a que ainda pode nos levar a tarefa do tradutor” (p. 82-83).

O segundo eixo – *Tradução, poemas, prosas* – começa com um texto de M. Laranjeira – “A poesia francesa atual vista por um tradutor”. Laranjeira examina a relação da poesia francesa com o público brasileiro, estuda como se compõe a poesia francesa atual e reafirma sua posição teórica de tradutor de poesia. Segundo ele, tradução “é a reescrita de uma leitura”, onde há pelo menos “três sujeitos: o autor, o tradutor e o leitor” (p. 96).

I. Oseki-Dépré, em “Da tradução amnésica de *Algo: Preto*, de Jacques Roubaud”, analisa, de forma breve, a obra e a poética de Jacques Roubaud. Analisa sua tradução de *Quelque chose*

noir (Algo: Preto) para o português brasileiro, mostrando que muitos elementos da poética roubaudiana não estão presentes na tradução por estes serem diretamente ligados à realidade e à poética construídas pelo autor em língua francesa.

“Traduzir Mallarmé é o lance de dados”, texto de M. Siscar, mostra a importância da retradução, ainda inédita, de *Un coup de dés*, feita por Álvaro Faleiros. Siscar enfatiza a diferença entre a “tradução criativa” e a “tradução filológica”, sendo esta última considerada o “estudo do texto contextualizado em sua época e em sua língua” (p. 117). Define a tradução de *Um lance de dados*, de Haroldo de Campos, como uma tradução um pouco distante da linguagem e da historicidade de Mallarmé, o que Faleiros, segundo o autor, recupera em sua retradução.

Uma introdução à poesia de Charles d’Orléans nos é apresentada por I. C. Benedetti em “Tradução de uma poética medieval: Charles d’Orléans”. Benedetti mostra os principais temas tratados pelo poeta, faz algumas indicações e explicações sobre a concepção e a inspiração de alguns poemas do autor medieval e ainda nos traz alguns poemas traduzidos direto do francês médio ou *François*.

A. Faleiros, em “Pignatari *tridutor* de Mallarmé”, esboça o projeto de tradução de Décio Pignatari para o poema *L’après-midi d’un Faune*. A *tridução* consiste em, a partir de um verso, produzir três novos versos via tradução, inspirado no “processo estocástico, e que pode ser definido como uma aproximação gradativa a uma mensagem desconhecida, a partir dos dados de um código conhecido” (p. 136). Todavia, conclui Faleiros: “seja como ampliação, seja como retradução, a *tridução* de Pignatari esbarra na *confusão*” (p. 139).

O livro de Monelle, obra de Marcel Schwob, é a fonte de reflexão para C. B. Faveri a respeito da tradução em seu artigo “*O livro de Manelle* de Marcel Schwob: a tradução de uma estética radical”. Faveri mostra os elementos da prosa e da poesia contidos nessa obra e o quanto são singulares na língua fonte. Baseada nos postulados teóricos de Berman e Meschonnic, a autora diz que a tradução de *O livro de Manelle* não pode ser mera literarização, e que para “bem traduzir” é preciso antes conhecer a estética radical proposta por Schwob, pois somente tendo tal conhecimento se pode achar equilíbrio entre a estética proposta, o sistema literário de chegada e o projeto de tradução almejado.

“Variações de estilo: a tradução brasileira de Raymond Queneau”, texto de M. Arbex, traz uma análise dos caminhos percorridos pelo tradutor Luiz Rezende ao traduzir *Exercices de style*,

de Raymond Queneau. Arbex demonstra o quanto o escrito de Queneau é complexo e o quanto constitui “um desafio para o tradutor” (p. 151). Arbex indaga: “o tradutor não teria algo de um genial e exímio pastichador?” (p. 156).

Algumas palavras na temática de Baudelaire se revelam de fundamental importância, assim como o seu não emprego sistemático do verso alexandrino. Esses elementos não foram considerados pertinentes nas 11 traduções estudadas por R. Meirelles em seu artigo “*Les Fleurs du mal* no Brasil: as traduções de *Correspondances*”. Segundo Meirelles, a tradução poética de *Correspondances* no Brasil tem um histórico de tradução que prestigia a forma, negligenciando outros elementos importantes da obra de Baudelaire. Para evidenciar tal fenômeno, Meirelles analisa o verso alexandrino na concepção de Baudelaire e propõe uma nova tradução para *Correspondances*.

Colocando em questão a noção de original e analisando as traduções brasileiras de Lacan, A. M. Mouzat mostra a importância de boas traduções da obra do psicanalista em “A tradução de Lacan: uma operação da transferência”. Afirma que “o texto de Lacan [...] só é texto na medida em que produz discursos” (p. 181), e este discurso deve evitar que haja congelamento dos conceitos e esvaziamento da terminologia lacaniana, o que conseqüentemente geraria uma boa tradução de Lacan, visto que a disseminação da obra do psicanalista francês está intimamente ligada com a transferência, no que tange ao ensino e conhecimento de seu pensamento.

“A tradução das interjeições no *Séminaire de psychanalyse d’enfants*, de Françoise Dolto” é uma reflexão de M. V. M. Aguiar a respeito de sua prática tradutória de um texto repleto de marcas da oralidade. Aguiar explica a gênese do livro *Séminaire de psychanalyse d’enfants* e afirma que um dos fenômenos linguísticos mais relevantes do livro são as interjeições. A partir daí, menciona como foi o processo de tradução das interjeições do francês para o português, chegando à conclusão de que “quanto menor o suporte lexical de uma interjeição, mais ela presta a múltiplas entonações, e por conseguinte, a assumir variados sentidos”(p. 190).

M. A. Pietroluongo, em “A tradutora e sua ignorância”, compartilha algumas experiências de sua trajetória de intérprete. Segundo Pietroluongo, a ignorância na vida de intérprete não é entendida como algo negativo, mas como uma nudez visível que se dá sempre ao se lançar mediante os ecos dos signos que são pronunciados de surpresa em uma determinada relação de espaço-tempo que a interpretação pressupõe. Ignorância que está constantemente entre as

relações de *experiência e reflexão*, de *pequena morte e intervalo* entre-línguas quando se interpreta, se traduz.

“Escrita e pensamento: à contraluz da tradução”, de P. Glenadel, é uma pequena reflexão a respeito da união de pensamento, escrita e tradução. Glenadel afirma que a escrita já é uma tradução do pensamento, tradução não perfeita sendo sua língua uma dentre outras. Assim, a autora afirma que o texto escrito ou o original de um autor é um grande produtor de opacidade porque não traduz o pensamento como um todo sendo a tradução “uma contraluz” (p. 209).

E. Ferreira, em “Tradução e sobrevivência em Jacques Derrida”, discute a relação entre o acontecimento da tradução e a noção de sobrevida baseada no texto *Survivre/Journal de Bord*, de Jacques Derrida. Para a autora, a tradução “se coloca em uma linha tênue entre a necessidade de dizer tudo sobre o texto de origem e a impossibilidade de totalização, marcando a intervenção do tradutor, ao mesmo tempo que é esta intervenção que faz o original viver e sobreviver” (p. 221).

O texto que encerra o terceiro eixo, Tradução, psicanálise, desconstrução, é “A tradução de *La vérité em peinture: uma operação autoimune?*”, de O. N. Santos – que também relata a questão da sobrevida do texto embasada pela metáfora da autoimunidade.

257

Os diversos textos que compõem *A tradução de obras francesas no Brasil* trazem um relevante panorama sobre os Estudos de Tradução realizados recentemente no Brasil. De temas multidisciplinares à revisão bibliográfica, o livro tem toda sorte de assuntos pertinentes a estudantes de tradução, literatura e áreas afins.

A obra também é composta de traduções inéditas de textos franceses no Brasil que podem ser úteis a professores de Literatura Francesa. Traz diversos resultados de estudos efetuados por grupos de pesquisas, por tradutores profissionais e de pesquisas realizadas em dissertações de mestrado não muito divulgadas no âmbito da tradução de língua francesa no Brasil.

É aconselhável a todos aqueles que desejam entrar no mundo dos Estudos de Tradução ou mesmo aprofundar e conhecer novas visões desse campo acadêmico. Também serve de início para se discutir novos assuntos emergentes nas áreas de literatura, comunicação, história, linguística, psicologia, filosofia e antropologia.